

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE MAIO DE 1919

N.º 69

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 | ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . 570 | ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## COMO SE FAZ O DESCREDITO DE PORTUGAL

A *Revista de Turismo* é um órgão com especiaes responsabilidades, com larga divulgação no estrangeiro e, por isso, nem tudo pôde dizer, tendo de reprimir o desejo de, muitas vezes, dar expansão ao que, contrariamente cala, mais por um dever patriótico do que por uma consideração que, de resto, não é reconhecida nem apreciada.

Tudo, porem, tem um termo, mal se comprehendendo que ele seja ultrapassado sem um protesto, o que significaria consentimento, conivência ou um indesculpavel desleixo.

Os factos ultrapassam, porem, já o regular termo d'uma espectativa de benevolencia, e a sua gravidade impõe-nos, como órgão defensor do turismo em Portugal, uma attitude que, se nos é custosa de assumir, não podemos todavia deixar de arcal'a, não só pelo muito que queremos á nossa Patria, mas para que se não diga que não ligámos importancia a casos que a teem e no mais elevado grau.

São muitos os que merecem a nossa especial e imediata attenção; mas como não cabem todos na apreção d'um simples artigo, preferimos tratar cada um de per si, dando primazia ao que se nos ahiura mais grave.

Esse é o que se refere á falta de policiamento no Tejo, que por desleixo ou incuria das respectivas autoridades, tem permitido que uma quadrilha de verdadeiros bandidos, cognominada de *Filhos da Noite* tenha cometido as mais selvagens scenas de banditismo, de bandoleirismo e de la-

### A NOSSA PROPRIA CULPA

trocínio como se aqui fosse um paiz de *peles-vermelhas*.

Não é exagero nosso. Os periodicos largamente se teem referido a essas scenas, praticadas no nosso rio quasi quotidianamente, chegando a audacia—proveniente da impunidade que essa quadrilha tem disfructado—ao ponto de, em uma passada noite, ter assaltado um transatlantico estrangeiro que se achava ancorado no porto, saqueando e pilhando o que havia a bordo, sob ameaça de morte dos tripulantes e passageiros que se achavam no vapor, caso se opuzessem a esse puro bandoleirismo!

Isto, n'um paiz da Europa em pleno seculo de civilisação, é um cumulo!!!

E não ha ninguem que obste á repetição de semelhantes selvagerias?

Aonde estão as auctoridades maritimas encarregadas do policiamento do Tejo?

Desconhecem as entidades competentes a existencia d'essa troupe de bandidos que tantas e diversas proezas tem, por infelicidade nossa, praticado sem qualquer embaraço?...



Isto é inaudito e custaria a acreditar se, infelizmente, a verdade não se tivesse evidenciado com toda a sua crueza.

Resta, pois, saber a quem cabe a responsabilidade da existencia d'esse grupo de ladrões que desde longa data vem praticando impunemente as suas proezas, cada dia redobrando de au-

dacia e fazendo do nosso formoso rio, pela calada soturna da noite, um segundo pinhal da Azambuja, onde segundo a tradição, eram os viandantes assaltados, roubados e muitas vezes mortos!

Isto não pôde continuar nem continuar.

Consentir-se a continuação de semelhantes factos equivaleria a isolarmos por completo do resto do mundo e a desaparecer, triste e estupidamente, todo o incessante trabalho de atração para o nosso paiz que tem sido posto em pratica á custa de incalculaveis esforços.

Agora, precisamente n'este momento em que estamos a lutar para evitar uma possivel concorrência ao porto de Lisboa, em que, segundo é de presumir, se vão tomar medidas tendentes a desvalorisar essa concorrência pelos beneficios que vão ser oferecidos; não se pode admitir que não seja feita uma imediata repressão aos crimes d'essa maldita seita, que com a sua ultima scena de bandoleirismo, pode causar ao paiz o mais grave mal de todos os que o assolam. Depois difficilmente se recuperará o que agora se perder.

Oxalá que as medidas do Governo ou das autoridades, n'esse sentido, façam abortar qualquer campanha contra o nosso porto que no estrangeiro se pense pôr em pratica.

Para isso, todos os recursos são poucos, cabendo, porem, á Repartição de Turismo e á Sociedade Propaganda de Portugal intervir directa e immediatamente a fim de que seja desfeita e severamente castigada essa quadrilha de malfeteiros, que já proporcionaram o descredito do nosso Paiz.

Mas isto tem de se fazer por maneira eficaz e rapidamente, senão perdemos—tudo e todos.



## SEM PERDA DE TEMPO

## A MAGNA QUESTÃO HOTELEIRA

Não sabemos se o espirito publico, momentaneamente galvanizado pela campanha a favor dos nossos portos e caminhos de ferro, é capaz da atenção prolongada e perseverante concedida aos problemas que interessam á economia nacional.

Experimentemos todavia.

Quando se fundou a *Sociedade Propaganda de Portugal*, a que teve a honra de presidir durante os cinco primeiros anos tão laboriosos da sua existencia, o grupo de homens de boa vontade que ali se agremiaram, encarou de frente o problema do turismo, cuja resolução seria sumamente benéfica para a economia do paiz.

Procuraram-se os meios de tornar conhecido Portugal e de fazer propaganda que atrahisse visitantes, bem como de chamar ao porto de Lisboa e aos nossos caminhos de ferro os viajantes transatlanticos. Não se esqueceu porém a necessidade de prompta e radical transformação das nossas condições internas pelo que respeita a viação, a pobreza, a hygiene publica. Foi sobretudo o problema dos hotéis o que mais atenção mereceu.

Quiz a boa fortuna da Direcção que n'essa comissão especial se agrupassem meia dúzia de pessoas dedicadas e de bom criterio, propensas a frequentes excursões colectivas pelo paiz.

Sob a presidencia do sr. Manuel Emygdio da Silva congregaram-se entre outros os srs. Ferreira Madail, Luiz Fernandes, José Lino Junior, drs. Alfredo da Cunha e Matos Chaves.

Começaram por publicar um pequeno manual da industria hoteleira, em que se compendiam as regras que deviam ser seguidas em tudo o que interessa á vida interna dos hotéis.

Concedeu-se a placa de recommendação aos que satisfaziam os requisitos essenciaes. Abriam-se concursos para a concessão de premios. Obteve-se a creação de uma escola d'empregados de hotéis, na Casa Pia, prestando-se um homem competentissimo, *Wissmann*, a regel-a por mera dedicacão. Tentou-se a reunião de um congresso hoteleiro. Deligenciou-se a promulgação de uma lei que favorecesse a construcção de bons hotéis.

D'esse conjunto d'esforços methodicos e proflados algo resultou. Sensível melhoria se nota hoje até nos mais afastados recantos das provincias.

Vae quasi passada á historia a promiscuidade da incostavel e extensa mesa redonda, substituida hoje em quasi toda a parte pelas pequenas mesas de aspecto convidativo e propicias á separação de grupos. Outras varias melhorias se notam, sendo ocioso enumerar-as. E, todavia, estamos apenas na primeira etape do progresso necessario. Não ha que dar por finda a cruzada a favor do asseio irrepreensivel dos hotéis e da educação esmerada do seu pessoal. E' preciso insistir por que aos membros lassos dos viajantes se não imponha o suplicio de um leito espartano, duro como uma taboa e tendo por vezes algo semelhante a um saco de areia servindo de travesseiro e almofada.

E sobre tudo é preciso que haja hotéis onde mais necessarios são. N'esse ponto está Lisboa peor talvez do que qualquer outra terra do paiz. Com o encerramento do Bragança e do Central diminuíram os recursos de hospedagem, que hoje não chegam para a clientela nacional de cada dia.

Ainda ha dias insistia, com razão, *A Victoria* nessa falta de hotéis que pode concorrer para afugentar do nosso porto o movimento de forasteiros que a ele queremos atrahir.

Sucedem quasi todos os dias andarem pessoas chegadas da provincia em romaria de hotel para hotel, mendigando debalde um quarto.

Sabemos de alguém que, não ha muito, a custo obteve, como ultimo salvaterio, que lhe armassem uma cama na casa de banho do ultimo hotel a cuja porta foi bater.

Como chamar turismo em condições taes?

E' ou não uma lacuna deploravel que importa remediar quanto antes?

Para isso são precisos capitaes que não devem faltar, pois abundam as disponibilidades. São precisas iniciativas rasgadas, que se justificariam, pois a industria é remuneradora. E' preciso que se promulgue uma lei concedendo auxilios eficazes.

Ha que vencer enormes dificuldades provenientes da falta de local apropriado e que seja central. Adquirir para isso predios que se transformem radicalmente, importa a immobilisação de capital consideravel. Terreno sem edificações, não se encontra facilmente em local apropriado.

Todos querem alajar-se proximo das estações e dos caes e em relações facteis com o centro da vida lisbonense.

Poderia a Camara Municipal facultar terreno á beira do Parque Eduardo VII, onde seria lindissima a situação dos hotéis, mas seriam por muitos julgados demasiado distantes.

A remoção do Arsenal para a margem esquerda e a remoção das suas actuaes oficinas deixaria disponível terreno bastante entre o Caes do Sodré, o largo do Corpo Santo e a margem para se consagrarem alguns talhões á construcção de hotéis admiravelmente situados.

Infelizmente tarde se poderá aproveitar esse recurso e o problema é de urgentissima solução.

Congreguem esforços para a encontrar sem delongas, todos quantos por dever ou dedicacão podem para tanto contribuir.

Sem novos hotéis em Lisboa, instalados quanto antes, escusado é chamar viajantes e fazer propaganda de turismo.

J. FERNANDO DE SOUZA.

## Estancias de Aguas e thermas portuguezas

No intuito de proporcionar o conhecimento de todas as estancias de aguas medicinaes e das thermas que existem em Portugal, favorecendo ao mesmo tempo a expansão da sua propaganda, começaremos em um dos proximos numeros a publicar a sua descripção, tanto quanto possível elucidativa, proporcionando, d'esta forma, um prestimoso serviço aos nossos leitores.

Era nosso intento completar essas descripções com dados colhidos nos proprios locais, acompanhando-as de gravuras que melhor déssem a impressão das nossas idéas. Como, porém, não nos será certamente facil pôr, ainda este ano, em execução este nosso desejo, servir-nos-hemos, para esse efeito, dos elementos de que dispomos, entre os quaes distinguimos uma elucidativa publicação feita em o ano passado pela Sociedade Propaganda de Portugal.

Isso, porém, não exclue o bom acolhimento que dispensaremos a todas as indicações, notícias e esclarecimentos que nos sejam enviados e de que gostosamente nos serviremos para que as nossas descripções sejam o mais possível completas.

Registamos, mesmo, com muito agrado e reconhecimento tudo quanto a este respeito fôr enviado á *Revista de Turismo*.

## CARTAS DE PARIS

*Ainda os Americanos — O novo bosque de Paris — O Primeiro de Maio, festejado com um descanso absoluto*

Os americanos continuam a encher Paris. Agora os marinheiros ingleses, comandados pelo almirante Babeti, desceram também sobre o Boulevard, e procuram, com as suas fardas, afrouxar a ação americana. Raro se topa um militar italiano, um servio e muito menos, um portuguez. Mas os americanos saltam por cima de tudo. Uma coisa, porém, nos tem deixado na retina, — é o seu grande espirito pratico. Imagine-se que, além dos varios hotéis alugados pelo Governo Americano em diversos pontos da capital, para que os seus soldados descansem com proveito e comodidade, proporciona-se-lhes uma serie de diversões e de atractivos que não podemos deixar de registar como um facto interessante.

Todos os dias ás gares do Norte e de Leste, chegam contingentes, mais ou menos respeitaveis do exercito yank com licença de dois ou tres dias para... vêr a cidade. E' pois preciso que esta curta demora seja largamente aproveitada; é necessario que o galucho, ao regressar á America, possa dizer o que viu em Paris.

Para isso, depois de instalado, lavado e barbeado, fazem-n'o subir para uns grandes automoveis de campanha, agora transformados, por uma interessante disposição, em outros de turismo, e... ala para vêr a cidade.

A transformação do vehiculo consiste na colocação d'uns bancos a toda a largura dos carros, como os dos electricos, mas dispostos em declive, semelhantemente ás torrinhas dos theatros; de maneira que tanto vê para a frente aquele que vae ao lado do *chauffeur*, como o que ocupa o ultimo banco.

E para que o passeio seja proveitosamente instructivo, um outro soldado já conhecedor da cidade — de pé, ao lado do *chauffeur* vae, por meio de um porta-voz, annunciando á soldadesca os monumentos, as curiosidades que se lhes depara no caminho e tudo o mais que possa interessar.

Digam agora que os americanos não são absolutamente praticos!

Paris vae agora dilatar-se.  
As antigas muralhas que afastavam

a cidade, vão desaparecer. E a prefeitura municipal, longe de pensar em fazer receita com a venda dos terrenos, vae transformar essa barreira de pedra n'uma cintura salutar de arvoredo. E assim se comprehende. A defesa da cidade dispensa bem essas muralhas de reductos sem arte e com terra a crescer nos fossos; e a população parisiense, recebeu de bom grado um novo *Bois* a apertar, n'um abraço de verdura, a tristeza do casario citadino. D'esta forma o bom burguez da Porta de Versailles ou de Saint Dinis, não precisa ir ao «Bois de Boulogne» para recrear o espirito entre o arvoredo sombrio, pois bastará sahir de casa e encontrará logo a apetecida sombra e o não menos apetecido banco rustico onde poderá ler a sua gazeta no silencio bucolico da Natura.

Mas a avaliar pelo tempo que — como na nossa terra — levam a fazer estas coisas, é natural que só muito tarde se poderá ter este delicioso prazer, de ler a gazeta entre as sombras pacatas, isto se até lá não forem suprimidas essas folhas matutinas, que, ha dias, um maduro qualquer, dizia esperar em breve substitui-las por pró-

jeções nas nuvens; que n'este Paris sem sol dará magnifico resultado.

E assim cada um, ao assumir á janela, terá estendido sobre a camada espessa que encobre o sol, o discurso do sr. Pichon, ou uma nova plataforma do tio Wilson sobre um novo Fiume...

As paredes de Paris, foram ha dias cobertas por um grande cartaz vermelho, em que, em letras de revolta, se pedia ao povo trabalhador que no dia 1 de Maio não trabalhase, para assim se festejar o trabalho com um descanso completo e fecundo.

Por esse motivo annunciou-se já que o Metropolitano, os electricos, os autobus e os fiacres terão descanso, não fazendo o mais pequeno serviço. De fórma que, quem tiver de sahir, só pôde dispor dos seus pés. Mas o peor não é isto; o maior mal é que todo o commercio estará fechado, como fechados estarão também os restaurantes e cafés, e tudo que signifique trabalho.

Vae ser um dia *Ideal*, em que até o estomago terá um formidavel descanso.

Paris, Abril

GUERRA MAIO

## JORNADAS CASEIRAS

### A NECESSIDADE DE AS REALISAR

Não conhecemos outro povo mais amigo de viajar do que o nosso.

Toda a gente ama as viagens, todos se sentem felizes com uma pequena digressão ao campo, ou seja para admirar uma paisagem, um monumento ou o original horizonte, ou ainda simplesmente para tomar um pouco do ar puro da campina.

E para o justificar bastará recordar os passeios domingueiros do bom lisboeta, em que uma ida á Amadora, entre o sol e a poeira do caminho, faz reviver com mais gosto o espirito do que se ele tivesse, em troca, uma jornada em velozes comboios deitando 100 kilometros á hora.

Em tempos que já lá vão, havia uns passeios a que chamavam excursões, a pertos locais, como por exemplo — á tradicional feira de 15 de Agosto nas Caldas da Rainha, á não menos tradicional romaria da Snr.<sup>a</sup> da Agonia, em Viana do Castelo, ao S. João, em Braga e na Figueira da Foz em que, a troco d'umas facilidades de transporte, os lisboetas se deslocavam em grande

massa e sob o mais intenso entusiasmo.

Mas, a pretexto da guerra, esses passeios foram suprimidos, e não nos parece que os caminhos de ferro pensem em restabelecer as facilidades que concediam por esses motivos.

Mais felizes eram os do Porto, que, mercê d'uma tarifa economica, aos domingos, em comboios especiaes, todos se podiam deslocar e ir passar o dia a Braga, a Viana e Penafiel, povoando as margens do Douro e os campos do Minho. Muitos aproveitavam a partida ao sabado para irem mais além, até as Pedras Salgadas, a Vidago, a Valença, d'onde regressavam na 2.<sup>a</sup> feira seguinte.

E' certo que esta mesma facilidade houve em Lisboa com a chamada tarifa 7 bis, que concedia um desconto de 45 por cento a todo o bom alfanilha que se dispunha a ir passar o dia a Cascaes, a Cintra, a Vila Franca, ou também, a alongar-se até Espinho, á Figueira ou ao Luso, para o que aproveitava o comboio de sabado para estar de volta na 2.<sup>a</sup> feira.

Essa tarifa desapareceu também, e não nos consta que se pense em tornar a pol'a em pratica.

Vejamos agora um contraste curioso: Antes da guerra, quando havia corridas de touros em Badajoz, a Companhia dos Caminhos de ferro estabelecia comboios especiaes, sendo o preço do bilhete quasi metade do ordinario de ida; havendo também uma tarifa de comboios especiaes a Madrid, com regresso dos passageiros nos comboios ordinarios, que permitia o alugador d'esses comboios a vender bilhetes de ida e volta a Madrid por 3\$500 em 3.ª classe e 5\$000 em 2.ª.

Mercê de tão convidativos preços, muitos comboios foram á capital hespanhola abarrotados de passageiros; mas sendo a tarifa reciproca, nenhum hespanhol a aproveitou para vir a Lisboa, isto durante um bom par d'anos que essa tarifa esteve em vigor.



Isto vem a proposito, para salientar as facilidades que eram dadas para viagens ao paiz visinho, e as que estavam então em uso para os nossos pontos de turismo e de atracção.

Não sabemos o que virá a fazer-se depois que a situação se normalise, mas seria muito para desejar que as companhias de caminhos de ferro aproveitassem o pretexto de quaesquer festas para estabelecerem uns comboios especiaes com preços accessiveis, que no minimo tempo e sem fadiga de viagem, levassem, de quando em quando, ás nossas regiões de turismo o maior numero de viajantes, curiosos e amigos da nossa terra.

Os comboios destinados a essas excursões deviam ser directos, sem paragens no percurso além das indispensaveis para o serviço; e o preço dos bilhetes de ida e volta, deveria ser, quando muito, metade do custo do bilhete de ida.

Não seria muito interessante, poder-se sair de Lisboa, de manhã cedo, e ir-se até Leiria, ver a linda cidade do Liz, apreciar o sumptuoso monumento da Batalha, ou, então, visitar-se Alcobaca e a Nazareth? Com um comboio directo, poderia fazer-se, sem grandes encargos de tração, a viagem de Lisboa a Leiria, em 5 horas, de forma a poder estar-se n'esta cidade ás 11 horas. Ahi se permaneceria até ás 18 ou 19 para se chegar a Lisboa a horas de cada um dormir na sua casa.

Da mesma fórma, e com mais facilidade se poderia ir a Mafra ás Caldas da Rainha ou a S. Martinho do Porto, visto a distancia ser menor.

E para se ir a Coimbra ou ao Busaco far-se-hia da mesma fórma, partindo-se de Lisboa ao domingo pelas

6 horas da manhã para se estar n'estes locais antes do meio dia; proporcionando o regresso de maneira a chegar-se a Lisboa na manhã seguinte; ou então partir da capital no sabado á noite, para se voltar no domingo á noite e poder-se dormir em casa, e cada um entrar na segunda-feira nas suas occupações, tendo descansado durante a noite das fadigas da viagem.

O que citamos para este lado do paiz, poder-se-hia também aplicar ás linhas do Sul, para excursões a Evora, Extremoz e mais pontos interessantes do Alemtejo.

Uma das mais captivantes excursões seria á linda cidade da Beira, Vizeu, com volta pelo Vale de Vouga, onde se teria occasião de apreciar uma das mais belas regiões do nosso paiz, seguindo depois até ao Porto, d'onde se regressaria directamente a Lisboa, tendo gasto n'esta excursão dois ou tres dias, quando muito.

Parece-nos escusado encarecer as vantagens que d'ahi adviriam para os caminhos de ferro, facilitando ao mesmo tempo o exame directo de tudo que de bello ha no nosso paiz. Assim, também, se faria nascer o gosto e o entusiasmo por tudo que de interessante possuimos, e nacionalisar-se-hia o nosso espirito.

A este proposito fazem notar os espiritos mesquinhos que as companhias suprimiram as facilidades que n'esse sentido havia com receio de que a maior parte das pessoas deixasse, para essa occasião, as viagens a que era obrigada por necessidade, o que causaria um sensivel prejuizo ao caminho de ferro; mas a esses mesmos espiritos devemos dizer, que a receita obtida pelos viajantes de puro prazer cobriria bem qualquer diferenca. Que o digam as estatisticas das excursões a Badajoz e a Madrid.

X. T.

## CONGRESSO HOTELEIRO

### O SEU SEGUNDO ANIVERSARIO

PASSOU nos ultimos dias do mez d'Abril findo, em 28 e 29, o segundo anniversario do 1.º congresso hoteleiro que, por iniciativa da Repartição official de Turismo, se realisou com grande solemnidade na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia, obsequiosamente cedida para esse fim.

Foi um facto de relevo na vida turistica do nosso paiz e, por isso, a *Revista de Turismo* não pôde deixar de registar a repetição do seu anniversario; aproveitando o ensejo para, ao mesmo tempo, fazer algumas considerações.

Já no nosso numero referido a 20 de maio do ano passado, a proposito do primeiro anniversario d'este Congresso, aludimos com magia aos nenhuns resultados d'uma reunião a todos os titulos credora de melhor acatamento ás suas resoluções. E, certamente, nenhuma das pessoas que empregaram os seus melhores esforços para o bom exito d'essa magna assembleia pensou, sequer, na possibilidade do esquecimento a que seriam votadas as conclusões das theses n'ela apresentadas, cuja elaboração foi o resultado de criteriosos e aturados estudos. Ninguém, realmente, poderia profetisar que, dado o cunho official d'esse Congresso e a auctoridade da sua representação, não fossem seguidas, acatadas e respeitadas todas as proveitosissimas indicações não só reveladas nas conclusões dos trabalhos inscriptos

e debatidos nas suas animadas sessões mas, inclusivamente, as que nasceram da sua discussão, por vezes acalorada pelo interesse dos contraditores na defeza das suas legitimas ideias. Infelizmente, n'este mal-aventurado paiz, tudo quanto saia fóra do circulo viciosissimo da mesquinha politica, difficilmente consegue vingar; e como n'esse Congresso apenas se tratou d'um assumpto não só do maior interesse para a industria hoteleira portugueza mas também para o paiz, em geral, a realisação pratica das soluções n'ele encontradas não tiveram exequibilidade, certamente por não dependerem da politica, nem de partidarios.

Tratasse-se da organisação d'um centro politico; da creação de qualquer comissão onde fosse facil anichar rendosamente um imbecil apaniguado; ou tivesse sido resolvida uma qualquer manifestação partidaria, e ahi veriamos todos mexerem-se, trabalharem, esforçarem-se com louco entusiasmo por dar realidade ao que tivesse sido resolvido. Como, porém, esse Congresso representava, na sua essencia, uma manifestação de vitalidade economica de interesses geraes e especiaes; como da pratica dos seus resultados adviria um proveitosissimo bem comum para uma industria rendosa, cujos beneficos seriam ainda progressivamente augmentados com o natural e proprio desenvolvimento originado pelas circunstancias emanentes; nada se fez,

nada se aproveitou das utilísimas lições em que, por assim dizer, resultaram as conferencias havidas durante o Congresso hoteleiro.

Isto simplesmente prova que n'este paiz os incitamentos verbaes não dão resultado. As ideias, de que se espera utilidade, só podem ser postas em pratica com a força da auctoridade. Será, talvez, este o unico meio de se fazer vingar em Portugal a industria da vilegiatura.

Sob esta ordem d'ideis já o ano passado, a proposito do primeiro aniversario do Congresso hoteleiro, alvitramos a conveniencia de se fazer a reunião de um Congresso de Turismo. Infelizmente não foi posto em pratica esse nosso alvitre. Isso não obsta, porém, a que deixemos de o renovar este ano, porque pensamos que só d'uma assembleia geral de todas as pessoas e entidades interessadas na industria das viagens poderá sahir a remodelação completa do existente em materia de turismo, se realmente se pensa em levar por deante a exploração, em Portugal, d'essa rendosa industria.

Não é precisamente agora o momento azado para a realização d'esse Congresso. Porém, esta vida de desasocego ha de passar e certamente, dentro de poucos mezes estabelecer-se ha, pelo menos, uma relativa normalidade; e será, então, propicia a occasião para se interessar o publico na reivindicção das regalias que os obreiros da industria de turismo pedem não para si, mas para a realização pratica do seu ideal.

E' preciso não esmorecer, antes crear alento para alterar o existente de *fonds en comble*, pois só assim se conseguirá que a industria de turismo possa vingar no nosso paiz.

Chegar-nos-hão muito tarde, certamente—se assim se proceder—os beneficios do nosso trabalho; porém, a nossa consciencia ficará tranquila em legar aos nossos sucessores a estrada desimpedida para poderem caminhar livremente.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

## PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

### PROPAGANDA NA SUISSA

No seguimento da louvavel iniciativa tomada pela benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, continua a intensificar-se a propaganda do nosso paiz no estrangeiro sob os mais esperançosos auspícios. Assim, por influencia do sr. Jayme de Padua Franco, foi ha pouco inaugurado em Berne um posto de informações sobre Portugal, ao qual incumbe pôr a numerosa população fluctuante da Suissa ao corrente das belezas naturaes e artisticas do nosso paiz, suas condições de vida, clima, estancias de cura e de repouso e tudo o mais que possa interessar o estrangeiro a nosso respeito.

O novo posto de informações, que tem a sua sede na Place de l'Ours, 4, foi inaugurado na presença do delegado da Propaganda, sr. Padua França, que para esse fim foi especialmente de Paris a Berne, onde encontrou o mais enternecedor acolhimento, tanto por parte das nossas auctoridades diplomaticas e consulares, como pela colonia portugueza que lhe prodigalisou as maiores facilidades para

o bom desempenho da sua missão.

E' mais um importantissimo serviço que a Sociedade Propaganda vem de prestar a Portugal, que d'ahi ha de certamente colher proveitosos fructos, atendendo a que, com uma boa diplomacia, facil será canalisar para o nosso paiz uma parte dos milhões de forasteiros que todos os anos percorrem a Suissa.

E', pois, com muito agrado que registamos esta noticia e esperamos que em breve outros postos d'informação sejam instalados, principalmente nos paizes d'onde mais facilmente ainda, podemos importar turistas, taes como o Brazil e a Argentina, nos quaes, sem duvida, a propaganda sobre o nosso paiz, produzirá os mais rapidos e beneficos efeitos.

Para completo exito d'essa util propaganda, é porém absolutamente inadivél que aqui sejam cuidados os importantes assumptos que se prendem com o turismo, um dos quaes é a magna questão hoteleira a que, por certo, a Sociedade de Propaganda ligará a sua mais sollicita atenção.

## NAVEGAÇÃO AEREA

### A TRAVESSIA DO ATLANTICO

A travessia do Atlantico entre o Velho e o Novo Mundo é o problema que actualmente mais está preocupando os aeronautas da França, da Inglaterra e da America.

Em cada uma d'essas nações fazem-se projectos, estudam-se as soluções mais viaveis para o bom exito d'essa tentativa, em que cada uma d'elas quer ter a primazia.

O caso parece não ser de facil realisação, e assim se explica o não se ter feito ainda nenhuma experiencia.

Todavia, um aviador francez M. Bradec, acompanhado do piloto Boulard e do mecanico Guillain, acaba de ir da França ao Canadá, iniciando o seu vôo em Le Crotoy e terminando-o em Québec, tendo gasto em marcha 49<sup>h</sup>, 25'.

Esta viagem não se pôde considerar, porem, como a travessia do Atlantico, por isso que ela não se efectuou em toda a sua largura, mas quasi ao longo das costas, segundo um itinerario previamente estudado.

Foi n'um aeroplano «Caudron» com o n.º 23, que se realisoou essa excursão, e para ela foi convidado M. Pierre Wal, redactor da secção aerea da importante revista *Sports et Tourisme*, edição da *Renaissance*, que para o seu jornal enviou sucintamente as impressões colhidas, as quaes vem publicadas no ultimo numero d'essa Revista referido a abril passado, d'onde nos permitimos extrahir-as em traducção.

«Québec, 2 d'abril—Deixei-vos sete dias sem noticias minhas, não contando com o tempo que levará a chegar-vos este cabograma. Mas, eis novidades, em toda a expressão do seu termo. E são noticias que vos dirijo de Québec, onde acabamos de «atterrar», depois d'uma interessante viagem aerea-França-Canadá.

Não pôde ser melhor o resultado do meu silencio.

Não me é possível, porém, ser prolixo na descripção d'essa arrojada viagem; limito-me, por agora, ás in-

formações indispensáveis, e mais tarde preencheri as lacunas que estas minhas notas apresentarem.

Nada ha de mais agradável ao espirito do que dizer-se que se passou da França á America n'um avião, e de se achar, todavia, um pouco em França.

Mas isto é uma outra historia.

Em verdade, não sei como principiar, porque o que acho indispensavel para contar, apresenta-se-me sob o aspecto enorme d'uma historia completa.

Isto, porém, não é senão verboreia d'um aprendiz, o que me hão de desculpar.

Vou iniciar a minha descripção *ab ovo*.

Um atrahente convite me foi feito. Não tinha mais do que aceitar'o, tanto mais que me sorriu o imprevisto d'uma extraordinaria e longa viagem em companhia de M. Bradlec.

Tudo se preparou rapidamente.

A meia noite reunimo-nos no elegante palacete de M. Caudron, em Crottoy, onde nos foi servido um substancial repasto. Foi esta a ultima *étape* mundana em França, a que assistiram, alem do distincto dono da casa e autor do avião que nos havia de conduzir, e do seu engenheiro M. Deville, os excursionistas que tomavam parte n'esta viagem e que eram os srs. Bradlec, Boulard, Guilain e eu.

Durante a refeição que foi bastante animada, M. Bradlec expoz os seus projectos, que se pôdem resumir da seguinte fórma:—«A imaginação traz-duziu pela travessia do oceano a ideia de se ir da Europa á America. Enthusiasma-se delirantemente com semelhante projecto; sonha-se com *tours de force* sobre aviões gigantescos, providos de supermotores, emfim, fantasias primarias que terão o seu tempo de realidade. Eu, felicito-me pela minha modesta entrada n'este campo de aspirações, efectuando simplesmente uma viagem de turismo, sobre um aeroplano de serie, pouco mais do que o vulgar. Para isso escolhi um itinerario variado, com aspectos bem mais interessantes do que pôde apresentar o simples Atlantico. Veremos terras novas, percorrendo um itinerario favoravel ás condições da viagem e que poderá talvez ser um dia aproveitado para um serviço postal, se se seguir a rotina... A fim de podermos aproveitar os ventos favoraveis, alongaremos a nossa viagem indo até ao circulo polar, precisamente para livrar-mo-nos da corrente aerea que nos poderia atirar para a Terra-Nova. Uma

«das condições para uma viagem aerea de turismo, é a da utilização das correntes dos ventos, e n'este ponto devemos atender ás preciosas indicações do geographo Maury, que é um dos raros seres humanos verdadeiramente sabio. Admiro aqueles que, por *sport*, tentam fazer a travessia do Atlantico. A minha idéa é, porém, a de fazer uma viagem de turismo entre a França e a America; e é essa idéa que vou pôr em pratica, na esperança de ser bem sucedido e de que ela sirva de exemplo para ser aproveitada nas proximas férias.»

Estas palavras cahiram no animo dos circumstantes com o poder suggestivo d'uma grande auctoridade, fazendo crêr que, realmente, a travessia pura e simples do Oceano no aparelho sobre que nos propuzemos viajar, seria uma verdadeira infantiliade. M. Bradlec, deixa aos outros a primazia e a gloria d'essa temerosa empreza, para se dedicar unicamente á sua idéa.

A uma hora da manhã terminava a ceia por um ultimo gole de *champagne, au salut* do bom exito da nossa viagem.

A partida estava marcada para as 4 1/2 da manhã, e a essa hora achavam-se todos no «hangar», promptos para seguir a viagem sob o mais suggestivo entusiasmo.

O C. 23 que nos havia de conduzir, achava-se igualmente preparado para essa empreza, provido do que se tornava necessario para qualquer eventualidade.

Pouco antes da largada, pezou-se a carga, que deu o seguinte resultado:

15 horas d'essencia 24501 . . . . .	1.740 k.*
» » d'oleo 200 l. . . . .	185 »
4 homens . . . . .	305 »
Sobresalentes especies . . . . .	300 »
Provisões e bagagens . . . . .	50 »
N'um total de carga de . . . . .	2.580 »

Estavamos pela tangente, visto que, segundo uma experiencia feita, o C. 23 devia deslocar em carga maxima, 2.600 kilos.

Portanto nada havia a reccar, e tratou-se dos ultimos preparativos para nos pômos em marcha.

(Continua).

## EXPANSÃO PORTUGUESA

### Casa de Portugal, em França

PELO Banco Nacional Ultramarino acaba de ser adquirido, em Paris, um grande predio, na rua Helder, n.º 8, que muitos anos esteve occupado pelo «Hotel du Tibre».

N'ele vão ser instalados, alem da Sucursal d'esse importante Banco, a nossa Camara de Comercio, o Consulado de Portugal, o Bureau de Renseignements da Sociedade Propaganda de Portugal e varias outras casas Portuguezas. O Banco e o *Bureau de Renseignements* occuparão o rez-do-chão; a Camara de Comercio, a sobreloja, e as outras entidades os demais andares.

Esse predio é de construção moderna, tendo sido recentemente edificado.

No rez-do-chão vão ser feitas umas grandes montras para a exposição dos productos de Portugal, diversas photographias, mapas indicando o trajecto Lisboa-Paris, etc.

A «Casa de Portugal», fica situada no angulo do predio que faz esquina para o Boulevard dos Italianos, isto é: no coração de Paris.

Damos estas noticias a titulo de informação, pois a grande importancia d'esta obra, a que essa conceituadissima casa bancaria deu inicio, dispensa comentarios.

Mais de espaço, porem, nos occuparemos d'este assumpto, sobre novos aspectos.

Não perdemos todavia hoje o ensejo de nos felicitar-mos como portuguezes pela gigantesca e util expansão que o Banco Ultramarino está realisando tanto em Portugal como no estrangeiro, já tão grande que nos enche do mais patriotico orgulho.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do palz.

## ARTE E LITERATURA

## ANTONIO BOTTO

AO POËTA

POR AUGUSTO D'ESAGUY

ANTONIO BOTTO, o poeta meigo e dóce dos *Cantares* e das *Cantigas de Saudade*, é um espirito interessante, possuido dum grande valôr, uma alma nova, cheia de illusões, a fantasiar, a cavalgar em doidas correrias, num mundo onde a dôr é o final de todos os nossos sonhos.

Antonio Botto é um poeta singular, cantor dos encantos da sua terra, encontrando sob o céu azul de Portugal, nos campos onde as espigas se balouçam mansamente, levadas na aragem que perpassa irrequieta e sinuosa, nas fontes que murmuram e choram dôces canções de amor, no fado que soluça e fêre a dôr de todos nós, motivo para os seus versos, para as suas encantadoras quadras, quadras mais belas, mais caracteristicamente portuguezas que poetas nossos teem feito.

A quadra de Antonio Botto encanta e arrebatamos, é cheia de tristeza, é a quadra que nós ouvimos nas bocas rosadas e puras, das tristes camponezas magoadas pelos noivos lhes terem fugido, quando recolhem pensativas, á tardinha, á hora do Sol-morto, ás suas casas, de volta das suas lides; é a quadra que nós sentimos soluçar nos labios das lavadeiras que nas margens do Mondego, batendo a sua roupa, choram ainda, em seus doloridos cantares, a morte de Ignez, rainha no Alem-tumulo; é a quadra que o marinheiro canta, quando longe da patria, em viagens longas e temerosas, olhando a escuridão do céu, ouvindo o rumor nervoso das aguas que o navio afasta na sua passagem, recorda a sua aldeia, a sua terra á beira mar... a quadra do marinheiro das descobertas, a quadra do povo Crente, chorando a vinda de D. Sebastião, o desejado, desaparecido nas luctas d'África, a quadra que todos nós cantamos, que todos nós choramos, quando tristes e magoados, recordamos cheinhos de saudade um amor que passou e que nunca mais nos volve.

E' a quadra de D. Pedro chorando a sua linda Ignez, é a quadra de Bernardim, é a quadra dos trovadores portuguezes que sintetizam o amor, o romantismo, a tradição, a alma, ennevoadas e triste, da nossa raça.

Antonio Botto é um poeta novo, tem apparencias dum doente, tem um olhar nostalgico e um corpo esguio; mas contudo uma alma sã, nova, tão nova que produz versos onde se advinha a ancia de viver, de sêr grande, de criar, de dar vida ás pequeninas coisas que por vezes são repletas de encantos e teem mais vida no seu intimo do que as coisas que todos observam e notam.

Mas o seu estro é d'um poeta de tempos idos—o poeta da saudade, o poeta que sentindo a dôr faz dela a sua poesia; o poeta que rendilha o sofrimento; o poeta que no seu cantar, um pouco rouco e meditado, soluça a dôr dos outros, o sofrimento dos

que, lendo os seus livros, as suas cantigas, encontram neles o reflexo do seu viver e portanto um pouco de conforto, piedade e crença.

O poeta da saudade!

O poeta tem que sêr assim, o poeta não deve fazer mal, não deve injuriar, os seus livros não devem sêr de revolta, não devem sêr livros patologicos, devem sêr equilibrados, repletos de amôr e de dôura, onde se advinhe um pensar claro e uma alma franca.

O livro dum poeta deve e tem que sêr um livro de consolo, onde possamos encontrar umas horas de paz, uns momentos de quietação.

Quando o nosso espirito mergulhado nas luctas em que barbaramente o envolvemos, necessite calmaria, devemos ir procurar nos livros dos poetas que julgamos almas candidas, vivendo em superficies mais altas do que as nossas. livres de luctas humanas, incapazes de viver como nós vivemos, mergulhados no fel que nos cerca, repouso e mansidão á aspereza da existencia.

O livro do poeta deve sêr bom.

O poeta escreve rezando, nós devemos lê-lo quando a nossa alma careça de oração.

O poeta deve ser o sacerdote dos afflictos. Quando atingir essa perfeição triumphou, quando conseguir prender-nos venceu!

Só leio *Auto*, simplesmente desfolho o *Só*, quando estou triste, quando careço de alguém que consiga remediar os meus padecimentos, quando estou doente e preciso de alento, quando o meu coração dobra a finados e pede alivio á sua tortura.

Os livros de Antonio Botto são assim; falam-nos á alma, são nossos companheiros, quando estamos tristes carecemos deles.

São livros dum poeta que sente e comprehende o que devem sêr livros de bondade, onde a dôr nimbada em verso ofusque a nossa dôr e nos torne menos infelizes.

São livros bons!

Março—1919.



## PRECE

POR ANTONIO NOBRE

*No meio d'uma estrada, á luz do sol poente,  
Envolta em roseo véu,  
Uma criança assim dizia, tristemente,  
Er guendo as mãos ao céu:*

*— O' pombas que voais nas amplidões distantes,  
N'essa amplidão sem fim,  
O' pombas! desdobrai as azas triunfantes!  
Pousai-as sobre mim!*

*Levai-me pelo Azul, unida á vossa aza,  
Que eu vivo sem ninguém:  
O incendio devorou a minha pobre casa,  
Não tenho pai, nem mãe...*

*E as pombas virgínicas, subito, ouvindo aquilo,  
Arcanjos do Senhor,  
Levaram a criança e deram-lhe um asilo  
N'esse pombal de amor...*



## SUISSA

UM facto importante acaba de dar-se na Suíça. Sob proposta da Divisão de mercadorias da Repartição dos Abastecimentos, o Alto Conselho Federal vem de tornar livre o consumo da essencia (benzol e benzina) para combustão dos motores.

Os efeitos d'esta resolução que foi recebida com o maior contentamento, não se fizeram esperar; assim o automobilismo que ha perto de cinco anos estava sofrendo, dia a dia, restrições na sua circulação, a ponto de se achar limitado quasi ao serviço official, retoma agora a sua liberdade, sem nenhum embaraço.

Quanto representa esta medida? Abstrahindo o grau verdadeiramente importante em que ela beneficia o commercio e as industrias em geral, pomos simplesmente em relevo a sua influencia no turismo e é o suficiente para se lhe achar o seu real valor. Para isso basta dizer que o automobilismo é hoje o maior auxiliar da industria da vilegiatura, e mal vae aos paizes que não cuidarem de o desenvolver.

Já antes da guerra o automobilismo se vinha tornando notavel pelo concurso que facilitava ao turismo «routier» tendo as companhias de caminho de ferro instalado caes especiaes para o embarque dos automoveis em caso de acidente ou como consequencia do programa de viagem.

As estradas começaram a ser mais cuidadas havendo sido estabelecidos varios depositos de essencia para alimento dos motores em muitas estradas cantonaes. Mas, os camponeses suissos manifestaram uma enorme relutancia pelo automobilismo em estrada; e não tem sido sem um grande esforço que se tem conseguido, pouco a pouco, civilisar as populações até o ponto de não hostilizar os automobilistas.

Agora que a grande lucta economica vae ter seu inicio, a industria das viagens entra

no campo d'essa lucta como o mais poderoso argumento: e assim quem melhor o puder utilizar, tanto melhor proveito lhe explorará.

Durante muitos anos a Suíça passou por ser a terra classica do turismo. A concorrência então era nula e poucos pensavam em desvial-a. Agora tudo mudou, e a concorrência vae ser formidavel. A França em particular, trabalha com um entusiasmo admiravel para a exploração do turismo no seu paiz, o que é uma terrivel ameaça para os interesses da Suíça.

Por noticias de Paris sabe-se que ao congresso ultimamente ali realiado, concorreram 9 federações de turismo de França e de Algeria que representaram nada menos de 400 sindicatos d'iniciativa!

Veja-se se isto não é a mais grave ameaça que os interesses Suissos podem sofrer!

Assim pensam os helveticos e muito bem ou muito mal conforme cada um interpretar o seu pensamento. O caso porem é que o tempo não vae propicio a monopolios, e os povos civilizados tendo nos seus paizes encantos tão ou mais singulares de que a Suíça, não deixavam de os explorar sómente para não lhe fazerem concorrência. Isso seria... o impossivel. Mas é precisamente esta concorrência que se torna necessaria, que é indispensavel para animar o turismo, que sendo uma industria exclusivamente dedicada a exploração do viajante, a todas as outras industrias alimenta com os beneficios que explora.

Ora, para isso succeder é preciso haver diversidade, sem o que o turista apenas pode ser aproveitado pelas nações que lhe oferecem maiores comodidades e mais distrações.

O que está em jogo é a habilidade de cada paiz, em evitar que os turistas sejam apenas canalizados para qualquer d'elles; e assim muito proveitoso seria para todos se se en-

tendessem n'uma comunhão de interesses e de vantagens.

Será isso possivel?

Quere-nos parecer que não, pelo menos emquanto não voltar a existir o inimigo comum, para a defeza do qual todos os recursos são poucos.

A par da liberdade de consumo da gasolina, muita da qual tem sido cedida pela Alemanha em troca de generos alimenticios, outras medidas foram tambem decretadas. Uma d'elas e a mais importante foi o levantamento das restrições que tinham sido impostas pelas auctoridades militares para a circulação dos automoveis. D'este modo o automobilista circula hoje na Suíça como em 1914.

Assim pois, a circulação voltará em breve a ser com antes da guerra, não só dos automoveis nacionaes, mas dos que conduzam turistas estrangeiros, cujo numero d'entradas na Suíça ia deminuindo lentamente.

Durante o ano de 1918 só entraram 69 automoveis, conduzindo d'esses forasteiros, e em Janeiro d'este ano, 13 foram já os vehiculos que transpuzeram ás fronteiras Suissas o que é um seguro pronuncio de breve desenvolvimento do turismo *routier* n'este original paiz.

## A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑHA nas bibliotecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

BREVEMENTE  
A APARECER À VENDA:

“Cantares,,

VERSOS DO POETA  
ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE  
NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR  
ANTONIO CARNEIRO

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»  
Largo da Abegoaria, 27 - Lisboa

# BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Capital realiado 4.000.000\$

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DILACÇÃO ... 159  
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)